



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, 4 DE DEZEMBRO DE 1995

Senador Sarney, que preside o Senado; Presidente da Câmara, Deputado Luís Eduardo; Presidente do Supremo, Ministro José Paulo Sepúlveda Perence; Governador de São Paulo, Mário Covas; meu amigo Otávio Frias; Ministro Cavallo, Ministro da Economia da Argentina; Prefeito de São Paulo, Paulo Maluf; Senhores Ministros de Estado que aqui estão; Senhores Senadores, Deputados, empresários dos vários setores, especificamente de comunicação; Senhores jornalistas, fotógrafos; Senhoras e Senhores,

Eu creio que é sabido que o Presidente da República, em certas circunstâncias, deve ser solene. Mas não gosto de ser solene.

Eu gostaria de, neste momento tão grato para nós, diante da opulência paulista nos helicópteros, poder me dirigir a todos, neste almoço de confraternização, como um cidadão, como uma pessoa, como amigo.

Pedi autorização ao Frias para contar um episódio que acho que mostra bem algo do que o Governador Mário Covas mencionou e que nós todos sentimos, que é justamente da democracia – e o Jô insistiu nele – e o papel da informação.

Não era época das mais brilhantes a época à qual vou me referir. Foi nos anos 70, em que houve alguns problemas. Alguns de nós temos muitos problemas.

É um querido amigo meu, que está aqui presente, Carlos Lemos, que é de Ibiúna – toda gente sabe que aqui nós temos uma comunidade de amigos que costumava, eu costumava, eles costumam ainda, passar o fim de semana em Ibiúna – insistia muito para que eu chegasse até o Frias, que já era, naquela época, uma figura marcante nos meios de comunicação de São Paulo.

Eu não tinha essa experiência, era professor universitário, vivendo sempre entre os livros, longe ainda de tudo isso, de me acercar de pessoas tão influentes e poderosas – o Carlos é testemunha disso. Em mais de uma ocasião ele insistiu. Até que um dia ele passou lá à tarde no Centro de Pesquisa onde eu trabalhava e disse: “Vamos lá ver o Frias.” E eu fui. E lá encontrei um outro querido amigo que infelizmente não está conosco, Cláudio Abramo, e tivemos uma conversa. Eu não me lembro exatamente quando foi o ano.

E o Frias, pela inteligência que é reconhecida por nós, me encantou. Rápido, sabia tudo, tinha informações, replicava. Fascinou-me realmente. E perguntou se eu aceitaria colaborar na Folha. Isso não era muito habitual, sobretudo naquela época, sobretudo para quem, como eu, não tinha direitos políticos plenos.

Não cheguei a hesitar. Eu disse que sim. Nem perguntei quanto ele pagaria. Naquela época, publicar era uma paga mais que suficiente. Depois, valeu mais do que isso, valeu uma amizade que cobre o que não foi pago em dinheiro.

E o Frias se antecipava. Pouco depois houve uma confusão no Brasil. E aí entrou em cena o Bóris, que passou a ser o redator-chefe; o Cláudio saiu da chefia. Mas o Frias, o Cláudio, o Borges sabiam, como eu sei, que aquilo foi feito para preservar a possibilidade de nós termos uma informação mais aberta e de o jornal poder continuar a ser um instrumento de comunicação, até mesmo quando se estava, como naquele momento, à margem do poder.

E o Frias agora me disse o que ele nunca me havia dito: que aquela noite ele levou um susto porque eu aceitei. E não era fácil: aceitar era fácil, mas convidar não era fácil.

Acho que a homenagem que o cidadão que hoje é Presidente da República pode prestar ao Frias e ao jornal é contar essa pequena história, que mostra que, para se chegar a isso a que estamos chegando hoje — daqui a pouco vou apertar não sei se um ou quatro botões, cada um US\$ 20 milhões; todo mundo sabe que eu sou pão duro e o Frias também é: vou de luvas —, para chegar até a isso não foi fácil. É muita luta. Não é fácil fazer a acumulação de recursos necessária, manter a independência, passar por um regime que não é plenamente democrático, ajudar a consolidação de um regime democrático, preservar a amizade e a independência entre as várias esferas, a política e a pública. Tudo isso é o que nós hoje estamos aqui neste almoço de confraternização comemorando.

Eu queria dizer mais uma palavrinha só. É que, além disso, além dessas virtudes que todos reconhecemos no Otávio Frias, ele foi capaz de construir os sucessores. Tarefa difícil a passagem de geração. E é preciso também deixar marcado que isso é o que dá continuidade à obra.

Então, eu não queria senão trazer esse meu depoimento e dizer que — para São Paulo já falou Mário Covas — é um momento de grande significado. E quero dizer, como Presidente da República, que é para todos nós, brasileiros, um momento importante, porque vimos esse jornal crescer, e eu espero que nós possamos seguir adiante mantendo esse mesmo espírito, com democracia, com informação livre, respeitando-nos mutuamente e fazendo com que dessa convivência todos nós saiamos ganhando, como até agora.

Muito obrigado.